

Erico Verissimo descobre Portugal: amenidades e turbulências

GILDA SANTOS

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ
Real Gabinete Português de Leitura



Já se tem dito e escrito que eu jamais me comprometo politicamente. Ridículo! Creio que durante estes 35 últimos anos tenho me manifestado claramente sobre problemas e acontecimentos políticos e sociais de maneira que me parece coerente e inequívoca, sempre a favor da liberdade e dos direitos do homem e contra todas as formas de opressão – coisa que nem sempre poderia fazer se fosse obrigado a seguir obedientemente a linha sinuosa e muitas vezes autocontraditória dum partido político.

ERICO VERISSIMO¹

Como as viagens de Erico Verissimo a Portugal continuam a merecer poucas linhas nas biografias ou ensaios sobre o escritor – embora, segundo entendo, revelem muito sobre o seu modo de pensar e de agir, sobretudo no que atestam de coerência política – volto a me debruçar sobre a primeira delas, a de 1959, com o intuito de sublinhar os dados que, penso, confirmam este meu entendimento.

Antes,² já apontara nessa viagem, que se estende de 20 de fevereiro a 10 de março de 1959 e que nos é “contada” no 2º vol. de *Solo de Clarineta*,³ a alternância entre freqüentes momentos de grande encantamento com as terras e gentes das muitas localidades percorridas e alguns momentos de forte tensão, os quais obrigaram o escritor gaúcho a usar de dons diplomáticos, ou irônicos ou agressivos, para “tourear” as circunstâncias.

Ao longo de um percurso exaustivo pelo território português, as manifestações de apreço e carinho recebidas pelo escritor – objetivadas nos impressionantes números de pessoas que dele se aproximaram – deram-lhe forças para cumprir uma agenda intensa de sessões de autógrafos, palestras, recepções e banquetes, que lhe permitiu interagir com várias camadas da população. Vale lembrar que, tal como outros escritores brasileiros

da época, Erico Verissimo esparzia clareza e claridade dentro dos plúmbeos tempos salazaristas e a leitura de seus livros em Portugal, durante algumas gerações, emblematizou uma forma de resistência ao regime. Assim se justifica, ao menos em parte, o sucesso por onde passava e a maciça afluência de público às sessões onde usou da palavra. A seu favor teve também uma ampla cobertura da imprensa, que – conquistada de imediato pela afabilidade do escritor – reportou seus passos com indisfarçável simpatia.

Sensível ao tão grande afeto de que foi alvo, desde o desembarque até à despedida, e à beleza que reconheceu nas paisagens e monumentos que lhe foi dado contemplar, é com enorme carga positiva que o romancista recorda essa primeira descoberta da terra de seus ancestrais, como sempre ressaltou. Prova disso é o não pequeno número de páginas enternecidas que se lêem no citado livro, relativas a um roteiro que soa como longo demais para o tempo disponível: Lisboa, Estoril, Sintra, Mafra, Óbidos, Alcobaça, Nazaré, Batalha, Leiria, Conímbriga, Coimbra, Porto, Braga, Barcelos, Guimarães, Amarante, Vila Real, Peso da Régua, Lamego, Castro Daire, Viseu, Abrantes, Santarém, novamente Lisboa, Azeitão, Setúbal, Estremoz, Monsaraz, Évora, Vila Viçosa, Beja, Faro, Silves, Portimão, Lagos, Vila do Bispo, Sagres, além de rápidas menções a terras minhotas, transmontanas, beirãs ou alentejanas, vistas de passagem.

Tal como o Garrett de *Viagens na minha terra*, Verissimo de tudo que viu e ouviu fez crônica. E nada melhor do que seguir de perto suas próprias palavras para bem captar esta sua multímoda experiência portuguesa, sempre narrada à feição daquele “contador de histórias”

¹ “Um escritor diante do espelho”. Revista *Realidade*, São Paulo, nov. 1966. Apud ERICO VERISSIMO – Cadernos de Literatura Brasileira, n. 16, Instituto Moreira Salles, 2003, p. 35.

² Ver SANTOS, Gilda & SANTOS, Emmanoel. Descobertas de torna-viagem, sob o olhar de Erico Verissimo. *Revista da Biblioteca Mário de Andrade*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, v. 58, jan./dez. 2000, p. 165-178.

³ VERISSIMO, Erico. *Solo de clarineta*. 7. ed. Porto Alegre: Ed. Globo, 1986. v. 2. Desta edição, salvo indicação diferente, foram extraídas as citações em itálico que figuram neste artigo, com a abreviatura SC e o número das páginas indicado entre parênteses.

com que costumava definir-se e que procuro resgatar aqui.

Refira-se, por exemplo, sua percepção das ruínas de Conímbriga, momento a que atribuí particular intensidade por duas vezes em *Solo de Clarineta*⁴ e que ainda rememora numa entrevista a Norma Marzola, da revista *Manchete*, em 1971:

*Precisaria de um livro inteiro para descrever todas as boas recordações de viagens. A melhor não sei. Por alguma razão secreta há um “momento especial” que me ficou na memória. Com o ensaísta e Professor Jorge de Sena, o meu editor Souza Pinto, minha mulher, meu filho e eu nos dirigíamos para Coimbra, em cuja universidade eu devia falar (Isso foi na primavera de 1959). Descemos ao anoitecer em Conímbriga para ver as ruínas romanas. Fazia frio, as estrelas apontavam no céu límpido e andava no ar a fragrância de ervas silvestres. Houve um momento em que ficamos todos em silêncio diante dum chão de mosaicos romanos, e uma paz tão grande nos envolveu que senti que não ia esquecer nunca mais aquele minuto. Dois anos depois, de volta a Porto Alegre, estendido numa cama entre a vida e a morte, depois de sofrer um enfarte, toda vez que eu queria fugir daquela situação, eu ia para Conímbriga, para aquele minuto de paz, e isso me trazia alívio.*⁵

Alguns dos muitos registros bem sintetizam o clima de profunda empatia com o espaço que pisava, sem, contudo, deixar de lado seu espírito avaliativo e crítico, sem deixar de perceber “as duas faces da moeda”. Veja-se, por exemplo, este comentário:

Portugal é um país de tal maneira belo e amável, que o visitante desprevenido pode ficar com a ilusão de que nele todo mundo é feliz e vive bem. A verdade é que quando a gente despe as roupas e a mentalidade de turista, dando menos atenção ao “jardim da Europa à beira-mar plantado”, à bondade de sua gente e aos seus velhos monumentos históricos – e começa a olhar a nação com olhos realistas, acaba alarmado ante a miséria predominante em todo o território nacional português e suas enormes desigualdades sociais. A mortalidade infantil entre as classes desprotegidas é muito grande. O índice de analfabetismo, alto. A falta de assistência médica é de tal maneira aguda, que não seria exagero afirmar que só existem no país (e mal distribuídos) doutores na proporção de um para cada nove ou dez mil pacientes. O trabalhador do campo recebe um salário vil. [...] As grandes vivendas senhoriais, [...] atraem de tal modo a atenção do viajante, que este inadvertidamente (ou por puro hábito burguês) tende a fazer vista grossa ao camponês que mora mal, mulher e filhos amontoados numa choupana com bichos domésticos, nas piores condições higiênicas imagináveis. [...] estou falando num país tal como o conheci em 1959, quando estava sob regime ditatorial fascista que durava trinta e um anos. Se em mais de três décadas de poder absoluto, esses males

não puderam ainda ser abolidos ou pelo menos atenuados, então que teriam os partidários do salazarismo a dizer em seu favor? (SC, 173-4)

Trechos semelhantes a este – e não escasseiam em *Solo de Clarineta* – bem comprovam o quanto Erico é capaz de distinguir o povo e a terra de seus antepassados daquelas circunstâncias políticas em que os visita e que visceralmente rejeita. O Portugal e os portugueses que para sempre o cativam não se confundem com o nefasto Estado Novo de Salazar e seus prepostos. Por isso, não lhe foi difícil perceber como, aos poucos, certas manobras oficiais começaram a emergir nos cenários urbanos por onde passava, sob a forma de acolhidas por demais “cívicas” para um romancista que, em princípio, visitava Portugal a convite de seu editor. De fato, a popularidade de Verissimo incomodou o regime e este, como efetivamente veio a ser documentado, tentou reverter o quadro, procurando capitalizar a seu favor essa imagem positiva que o notável ficcionista difundia por toda parte.

Sem dúvida, os portugueses retribuíram à altura tamanha predisposição de Erico a tornar inesquecível o desvendar de suas raízes lusas. As sessões de autógrafos, por exemplo, realizadas de norte a sul do país, apontam números que hoje parecem inacreditáveis.

Na primeira tarde em que dei autógrafos numa das principais livrarias de Lisboa,⁶ formou-se – contaram-me depois – uma fila do comprimento de dois quarteirões. Meu editor, radiante, fumava seu cachimbo de tabaco aromático e cronometrava meu trabalho. Ao cabo de meia hora sussurrou-me ao ouvido: “O meu amigo está autografando uma média de oito livros por minuto”. [...] A sessão durou mais de três horas. (SC, 96)

A sessão de autógrafos começou exatamente à hora marcada. Foi no salão de uma das maiores livrarias locais [Évora]. Durou mais de duas horas. Meu editor assegura-me que assinei 980 volumes. Desfilaram pela frente da pequena mesa à que eu estava sentado, mulheres e homens das mais variadas idades e classes sociais, gente de boa vontade com a que eu já encontrara nas províncias ao norte do Tejo. Muitos deles me fizeram indagações comovedoras sobre o destino de várias personagens de meus romances, como se tratasse de criaturas da vida real. (SC, 214).

Também não é diferente, em termos de afluência de público, o que acontece nas sessões de conferências. A primeira,⁷ é em Coimbra, no Teatro Avenida, dia 23 de fevereiro, promovida pela Associação Acadêmica:

⁴ SC, 29 e 125.

⁵ BORDINI, Maria da Glória, org. *A liberdade de escrever* – entrevistas sobre Literatura e Política. São Paulo: Globo, 1999, p. 103.

⁶ Em Lisboa “houve, em outros dias, mais duas longas tardes de autógrafos, em diferentes livrarias” (SC, 97).

⁷ Ao contrário do que faz crer em SC, 91, EV não iniciou em Lisboa o seu roteiro de conferências em Portugal, como atesta a cronologia das que aqui estão listadas.

A casa está repleta não só de estudantes como também de homens em maioria – e mulheres das mais variadas idades. Nos camarotes de cinco lugares amontoam-se de oito a dez pessoas. Vislumbro um universitário praticamente escanchado numa coluna, como um morcego gigante num tronco de árvore. Vejo gente de pé pelos corredores, entre os grupos de poltronas. [...] Faço então a minha mais longa conferência de que tenho lembrança. [...] Estudantes e não estudantes, alguns sentados no soalho do palco ao meu redor, me atiram perguntas de toda natureza, inclusive algumas perigosamente políticas. Respondo de acordo com minhas possibilidades, porém, mais uma vez, diante duma questão complicada, saio pela providencial porta do humorismo. (SC, 140-2)

Outra transcorre no Salão de Festas do Coliseu, no Porto, dia 25 de fevereiro, por iniciativa da Associação de Jornalistas e Homens de Letras, e leva o título de “Confidências dum Romancista”:

O salão, bastante amplo, está atotado de gente. Souza Pinto calcula que aqui se encontram cerca de mil pessoas. Isso me parece exagero, produto do entusiasmo de meu amigo e editor. Mas vá! A algazarra é enorme. [...] Aos poucos vou sentindo, forte, cálido, firme, o pulso da oposição portuense. [...] À medida que o tempo e as perguntas passam, mais claras e diretas se vão fazendo as referências ao regime político português [...] Daqui por diante o colóquio vira positivamente comício político de rua. O nome do Gen. Humberto Delgado é discutido e aplaudido, bem como o do Embaixador do Brasil que presentemente enfrenta a ira do governo português por ter dado asilo político ao homem que, nas últimas eleições, ousou apresentar-se candidato à Presidência da República, contrariando a vontade da ditadura.

Ao fim do colóquio, que deve ter durado quase duas horas, um homem de meia-idade ergue-se na platéia e me diz as seguintes palavras: “Estávamos nós os portugueses como presos numa casa abafada, de atmosfera viciada e sombria. E eis que V. Ex^a chega, abre-nos uma fresta de janela pela qual entra o ar fresco, a luz do sol da liberdade, e então nós avistamos uma nesga de céu azul... e a esperança! Muito obrigado! Muito obrigado!” Confesso que, a despeito do evidente exagero dessas palavras, elas me fazem tão feliz que sinto jamais poderei esquecê-las. (SC, 170-2)

A mais conturbada acontece no Teatro D. Maria II, em Lisboa, dia 02 de março:

Muito antes da hora marcada para o início da palestra, a casa estava completamente tomada por um público que me pareceu um tanto excitado. [...] Escondido atrás do pano de boca arrepanhado a um dos lados do palco, espiei a platéia, os balcões, os camarotes, as torrinhas. A coisa toda tinha o aspecto dum comício político. De pé nos corredores, entre os

grupos de poltronas da platéia, e ao longo das paredes, alinhavam-se soldados da polícia no seu fardamento verde e cinza. [...] Das galerias rompeu de repente um brado que me surpreendeu: “Viva Luís Carlos Prestes!” Uma voz gritada dos balcões rebateu: “Provocação! Provocação!” E começou o tumulto. [...] A confusão durou no máximo dois ou três minutos, mas minutos de terremoto, desses que parecem horas. Por fim ergui os braços num sinal de quem pede paz ou se rende. O silêncio aos poucos se fez. Perguntei em voz alta: “Posso falar também?” [...]

Ao fim da palestra convidei o público para estabelecer um diálogo comigo. Durante mais de meia hora respondi a perguntas dos mais variados tipos: óbvias, inteligentes, capciosas, inocentes ou provocadoras do ponto de vista político... Notei que algumas pessoas tentavam evitar os assuntos proibidos pela Censura. Mas quem dirigiu o espetáculo foram os homens e mulheres que enchiam as torrinhas, de onde de vez em quando partiam na minha direção verdadeiros petardos que, ao explodirem no ar tenso, me davam ensejo para de novo malhar ditaduras e ditadores. (Tive o cuidado de esclarecer que sou contra todos os regimes totalitários, tanto os de Direita como os de Esquerda.) (SC, 91-4)

A seguinte, dia 06 de março, dá-se em Évora, na Biblioteca Pública:

... para que as autoridades civis, militares e eclesiásticas não tivessem ilusões a meu respeito, falei contra os governos totalitários e dissertei sobre a necessidade que tem todo homem de liberdade. Liberdade de credo, de reunião, de locomoção, de acesso às fontes de informação. E – que diabo! – liberdade para escolher seus governantes. Depois veio o período de perguntas e respostas, que me deu a oportunidade de deixar mais clara minha posição política. (SC, 215-6)

A última é proferida na Faculdade de Medicina da Universidade Clássica de Lisboa, dia 09 de março, véspera da partida do escritor e família para a Espanha.

O salão em forma de anfiteatro estava atotado de estudantes. Iniciei a conferência mas tive de calar-me dentro do primeiro minuto por causa do ruído das vozes de protesto de pessoas que não tinham conseguido entrar no auditório, por falta de espaço. [...]

No diálogo que se seguiu à palestra, um jovem universitário me perguntou: “A que atribui V. Ex^a a presente crise da literatura portuguesa?” Respondi de imediato: “À Censura, meu filho. Sem liberdade não pode existir plena criação literária ou artística”. Um outro estudante ergueu-se e objetou: “Mas que fazer quando um escritor não tem ética?” Repliquei: “ora, mais tarde ou mais cedo ele se destruirá por suas próprias mãos”. O rapaz voltou à carga: “Permita V. Ex^a que lhe diga que isso não me parece

estar acontecendo no mundo em que vivemos. Os romances que mais se vendem hoje em dia, os famosos best sellers, são em geral pornográficos, negativistas, prejudiciais ao público em geral e à juventude em particular". Argumentei: "Está bem, meu amigo. Você propõe a censura como solução para controlar, digamos assim, a 'ética' de cada escritor... Mas diga-me uma coisa: quem é que vai controlar a 'ética' do governo ditatorial que exerce essa censura? E preste atenção ao que lhe vou dizer. Prefiro que dois ou doze mil romancistas considerados sem ética por um governo de Direita ou Esquerda continuem a publicar livremente suas obras a ter de suportar esses regimes que atentam contra as liberdades civis, que se avocam o direito de pensar pelo povo e que, mantidos pelo terror policial, encorajam a delação e fazem vista grossa às torturas de presos políticos. Já leu o 1984 de George Orwell? Não? Pois leia. Leiam-no todos." (SC, 99-100).

Acima, apenas as conferências que receberam maior destaque em *Solo de Clarineta*, pois Erico proferiu ainda outras em seu *tour* lusitano. E, como já percebeu quem me lê, essas transcrições visam não só a ratificar dados sobre os auditórios superlotados, mas também a comprovar o claro comprometimento político que o escritor assumiu e do qual jamais se esquivou em todas as suas apresentações públicas. Conforme rótulos em vigor nos anos 70, Verissimo encarnaria a figura do "liberal de esquerda", como propõe Daniel Fresnot.⁸

Os jornais portugueses⁹ noticiaram horas, locais, patrocinadores, formas de adesão, números e nomes conhecidos dos presentes a tantas oportunidades ofertadas ao grande público para se encontrar com o escritor brasileiro. Porém, como seria previsível, foram muito cautelosos (ou censurados...) e deram destaque sobretudo aos dados biográficos ou às palavras laudatórias a Portugal que o ficcionista proferiu com frequência. Raramente comentaram as situações algo delicadas que acabo de enumerar. Uma das exceções foi o lisboeta *Diário de Notícias* que, no dia 3 de março, sob o título (bastante sutil) de "A política deve ter conteúdo humano e ser cristã e de amor – palavras de Erico Verissimo na palestra pronunciada no Teatro Nacional" reproduz com grande fidelidade aquilo que o próprio memorialista nos relata, sem omitir sequer que alguém da platéia "vitoriou Carlos Prestes, chefe do Partido Comunista Brasileiro".

Com pródigas pitadas políticas também temperou o visitante discursos proferidos em numerosos banquetes, recepções, almoços e jantares em sua homenagem, como foi o caso daquela aparatosa refeição no Castelo de São

Jorge, dia 03 de março, organizado pela Sociedade Portuguesa de Escritores, que agregou cerca de 200 convivas:

Saudou-me também Jaime Cortesão. Quando ele terminou de falar, abracei-o, batemos nossas taças e delas bebemos, num brinde a um futuro de liberdade política e justiça social para Portugal. Quando me deram a palavra, repisei alguns temas da conferência do Teatro D. Maria II, indo porém muito mais longe na minha crítica aos regimes autoritários. Visei então mais diretamente o governo português: só me faltou pronunciar claramente o nome de Oliveira Salazar. Apesar de no decurso do banquete eu ter bebido apenas água mineral, limitando-me a bicar como passarinho os vinhos servidos, portei-me como se estivesse embriagado. (Estou convencido de que certas palavras e principalmente certas idéias possuem alto teor alcoólico.) E o meu querido amigo Cortesão, sentado ao lado de Mafalda, de quando em quando lhe dizia ao ouvido: "As palavras de seu marido são champagne para meu espírito..." Seu rosto resplandecia. (SC, 95).

Não conseguindo desvencilhar-se da teia em que o envolveu um persistente emissário governista, Erico acabou por cair na "arapuca" de um "pequeno jantar íntimo" (com "mais de duas centenas de pessoas" e um batalhão de repórteres, fotógrafos e cinegrafistas por toda parte), armada no Círculo Eça de Queirós pela "nata do fascismo português". Mas, driblando as circunstâncias adversas, conseguiu manter-se fiel a si mesmo e a seu ideário, e, a seu modo, fez o feitiço virar-se contra o feiticeiro:

Depois do café e dos licores Paulo Cunha ergue-se para falar [...] e diz que seu "prezado V'ríssimo" deve compreender que o conceito de liberdade varia de pessoa para pessoa, de época para época. O "caro escritor" deve ter visto como o povo português vive feliz e em paz, tem o que comer, o que vestir, onde morar e no que trabalhar. Esse povo não está interessado nos conceitos acadêmicos da palavra liberdade...(De vez em quando se ouve um brusco "Apoiado!") A oração não é longa e Paulo Cunha a encerra com as seguintes palavras: "Espero que ao voltar a sua pátria o romancista narre a seus compatriotas e leitores o que realmente viu e sentiu em Portugal". O orador senta-se ao som de entusiásticos e prolongados aplausos. Quando de novo se faz silêncio, levanto-me e limito meu "discurso" a uns três ou quatro minutos. Digo de minha afeição por Portugal, declaro que meu conceito de liberdade é exatamente o de Eça de Queirós. Quanto a contar no Brasil o que realmente vi e senti na terra do grande escritor, podem todos ficar descansados, pois é exatamente isso que pretendo fazer. Torno a sentar-me, sentindo o jantar inteiro na garganta. Creio que a brevidade da minha fala apanha os convivas de surpresa. Faz-se um hiato de alguns segundos, antes que estalem os primeiros aplausos – hesitantes, fracos, chochos. (SC, 251-2)

⁸ FRESNOT, Daniel. *O pensamento político de Erico Verissimo*. Rio de Janeiro: Graal, 1977, p. 95

⁹ Pude consultar os jornais portugueses da época na Biblioteca Nacional de Lisboa graças à Bolsa de Pesquisa de Pós-Doutorado que me foi concedida pela *Fundação Calouste Gulbenkian*, de abril a julho de 2005.

Outra “arapuca”, dentre as várias esboçadas ao longo da viagem e de maior repercussão, corporifica-se em uma nota emitida pela agência de notícias UPI e publicada no *Correio do Povo* de Porto Alegre, na qual se informava que o ‘romancista brasileiro’ se encontrava em Lisboa como hóspede oficial do Governo português. Ao tomar conhecimento da inverdade, Verissimo entrou em contacto com a representação da agência em Portugal e exigiu o desmentido. Mas...

Como uma agência de notícias da estatura da United Press International não pode enganar-se e muito menos admitir publicamente que cometeu um erro de informação, a maneira que o citado gerente encontrou para “restaurar a verdade” foi a de, no próximo comunicado que expediu para o Brasil a meu respeito, anunciar que “o escritor, que se encontra na Europa em viagem particular de recreio, pronunciará hoje à noite uma conferência pública no Teatro D. Maria II...” (SC, 91).

Finda essa peregrinação lusíada, já na Espanha, chegam-lhe ecos de mais manipulações “governistas” de sua viagem a Portugal. Não hesita então em redigir uma carta que faz chegar à imprensa brasileira, pondo tudo “em pratos limpos”. Um dos jornais a publicá-la foi o *Portugal Democrático* – jornal mensal criado por exilados portugueses no Brasil, que circulou ininterruptamente de 1956 a 1975, sob a bandeira do anti-salazarismo. De lá a resgatei e aqui a transcrevo, encerrando minha releitura de *Solo de Clarineta* com este semi-inédito,¹⁰ que julgo ser não só uma bela síntese do pensamento político de Erico Verissimo, mas ainda um expressivo resumo de suas andanças portuguesas – uma carta de Pêro Vaz de Caminha às avessas...

Erico Verissimo contra Salazar:

Detesto qualquer regime que roube ao povo a sua liberdade e a sua dignidade

Devem recordar-se os nossos leitores da recepção entusiástica que o povo português consagrou ao grande escritor brasileiro Erico Verissimo. Pois um deputado “fascista declarou posteriormente que a oposição democrática portuguesa envolvera Verissimo em manifestações que lhe desagradaram. [sic]

Em carta divulgada pelo jornal “Última Hora”, o autor de “Saga” explica aos escritores do Brasil o que pensa de Salazar e do fascismo:

Barcelona, 27 de março de 1959.

Companheiros: Tendo lido nos jornais do Brasil as mais desencontradas notícias sobre minha recente visita a Portugal, apresso-me a estabelecer a verdade.

Segundo um telegrama da UPI, datado de 12 do corrente, um deputado português “denunciou ontem que membros da oposição utilizaram a visita do escritor brasileiro Erico Verissimo para tirar vantagens políticas”.

A verdade é bem outra. Mas começemos pelo princípio.

Minha visita a Portugal não teve nem podia ter caráter oficial pela simples razão de que não costumo aceitar favores de governos totalitários. A notícia divulgada por uma agência internacional de que eu visitava aquele país a convite de seu Secretariado de Informação e Turismo é absolutamente falsa. Viajei e continuo viajando por conta própria, e em Portugal fui hóspede de meu amigo e editor Antonio de Sousa Pinto, que é apolítico.

É natural que em minha estada em Lisboa e no Porto, bem como em outras cidades portuguesas, eu tivesse preferido a companhia dos escritores da oposição, pois com eles está o meu espírito e o meu coração. Quanto a essa brava gente, ela viu em mim principalmente o cidadão dum país em que existe liberdade de expressão, o representante duma democracia, defeituosa, é verdade, mas democracia. Nada mais fiz que abrir uma fresta de janela por onde entrou uma golfada de ar puro e livre que por um rápido momento aliviou um ambiente abafado e opressivo.

Nas minhas conferências em Coimbra, no Porto, em Setúbal, Évora e Vila Viçosa deixei bem claro que sou contra todas as ditaduras e que detesto qualquer regime que roube ao povo a sua liberdade e a sua dignidade.

Por ocasião de meu último colóquio em Lisboa, no anfiteatro da Faculdade de Medicina de sua Universidade, quando um jovem me perguntou qual era, na minha opinião, a causa da crise em que se debatia a literatura portuguesa, respondi sem hesitar: “A censura”. E acrescentei: “Seria desonestidade ou covardia não falar claro numa hora como esta”.

No discurso com que agradei à Sociedade Portuguesa de Escritores pelo jantar que me ofereceu, deixei ainda mais claro e com mais veemência, o meu pensamento liberal. Ataquei a censura, a violência policial e o totalitarismo. Precisava ser ainda mais claro? Devia este neto de tropeiros dar nomes aos bois?

Quem procurou explorar minha visita foram os governistas. O Secretário de Informação insistiu para que eu “aceitasse uma homenagem”. Esquivei-me até o último momento. O Círculo Eça de Queirós convidou-me para um jantar. Como podia eu recusar o convite dum grêmio que tem como patrono um escritor liberal que tanto admiro? E agora o mesmo deputado que acusa a oposição de me haver explorado para fins políticos confessa que esse círculo é composto de salazaristas! O que eu disse no meu discurso dessa noite foi, entre outras coisas, que eles podiam ficar descansados, pois eu iria contar aos meus amigos brasileiros honestamente,

¹⁰ Não obtive confirmação sobre a existência desse texto no espólio do escritor, na ALEV, nem o vi transcrito nas obras *de* ou *sobre* Erico Verissimo que pude consultar.

exatamente, o que vi e senti em Portugal. Os salazaristas andam também assanhados contra nosso embaixador, o escritor Álvaro Lins, por ter este concedido asilo na Embaixada do Brasil ao gen. Humberto Delgado. Tudo fazem para difamar e desacreditar aquele diplomata, cuja conduta tem sido exemplar na sua corajosa coerência. Esquecem-se os governistas portugueses que em 1938 refugiaram-se na Embaixada de Portugal no Brasil dois membros do grupo que assaltou o Palácio Guanabara, atentando contra a vida do então presidente Getúlio Vargas e a de membros de sua família. O Brasil no entanto respeitou o direito de asilo e permitiu que os dois refugiados saíssem do País sem nenhuma complicação. O povo português, porém, sabe com quem está a razão e onde quer que encontre o embaixador Álvaro Lins, aplaude-o entusiasticamente.

Lamento ter de dizer todas estas coisas. Fui recebido com grandes demonstrações de carinho e de amizade pelo povo de Portugal. Não quero crer, entretanto, que esses queridos amigos realmente pensem que a continuação do salazarismo seja condição essencial à felicidade de Portugal.

Numa hora como esta em que estão em jogo princípios que reputo vitais para o homem e os seus direitos e liberdades, o silêncio ou a reticência seria um crime.

Escrevo estas linhas de Barcelona. Antes que comece outra campanha de notícias falsas, direi que

ainda viajo por conta própria, e até este momento o único contato que tive com elementos do franquismo foi através do funcionário que na fronteira com Portugal carimbou meu passaporte.¹¹

Referências

- BORDINI, Maria da Glória (Org.). *A liberdade de escrever – entrevistas sobre Literatura e Política*. São Paulo: Globo, 1999.
- CHAVES, Flávio Loureiro (Org.). *O contador de histórias – 40 anos de vida literária de Erico Verissimo*. 5. ed. Porto Alegre: Globo, 1981.
- ERICO VERISSIMO – Cadernos de Literatura Brasileira, 16. Instituto Moreira Salles, 2003.
- FRESNOT, Daniel. *O pensamento político de Erico Verissimo*. Rio de Janeiro: Graal, 1977.
- PORTUGAL DEMOCRÁTICO, maio de 1959.
- SANTOS, Gilda; SANTOS, Emmanoel. Descobertas de tornaviagem, sob o olhar de Erico Verissimo. *Revista da Biblioteca Mário de Andrade*, São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, v. 58, p. 165-178, jan./dez. 2000.
- SEABRA, José Augusto. *Erico Verissimo em Portugal: o timbre solidário da clarineta*. Nova Renascença. Porto: Fund. Eng. António de Almeida, prim./verão 1995. v. 15. p. 231-252.
- VERISSIMO, Erico. *Solo de clarineta*. 7. ed. Porto Alegre: Ed. Globo, 1986. v. 2.

¹¹ *Portugal Democrático*, maio de 1959, p. 8.